
DESIGUALDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: APRENDIZAGENS E DESAFIOS EDUCATIVOS DA CIDADANIA DIGITAL

INEQUALITIES IN PANDEMIC TIMES: LESSONS AND EDUCATIONAL CHALLENGES IN DIGITAL CITIZENSHIP

MONICA FANTIN

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Refletir sobre o significado do que aconteceu e ainda está acontecendo em consequência da pandemia de Covid-19 requer contextualizar as circunstâncias desses tempos estranhos ao lado de cenários mais esperançosos que se desenham. Mesmo vivendo a “pós-pandemia” e as “novas variantes” de um vírus que veio para ficar, é importante recuperar as memórias do tempo de distanciamento físico e da quarentena, que parecem oscilar entre “um tempão” e “parece que foi ontem”. No âmbito da escola e da formação, é fundamental refletir sobre as respostas dadas ao contexto de emergência sanitária, que evidenciou ainda mais as diversas facetas da desigualdade econômica, social, cultural e digital em nosso país. A falta de infraestrutura e acesso à equipamentos e conexões de qualidade, o Ensino Remoto e a Educação on line sem a devida formação docente e a falta do necessário tempo de aprendizagem evidenciaram cenários de grandes dificuldades. Para muitos professores as videoconferências foram e ainda têm sido um substituto das aulas, fruído com a mesma modalidade de ensino presencial, expositivo. Para outros, as possibilidades da cultura digital foram e ainda são consideradas uma ocasião de inventar, de criar alternativas e de experimentar metodologias inovadoras e construir outras aprendizagens. São aspectos destas questões que o artigo pretende discutir.

Palavras-chave: pandemia; desigualdade; desafios educativos; aprendizagem; cidadania digital.

Abstract: Reflecting on the meaning of what happened and is happening because of the Covid-19 pandemic demands a contextualization of the circumstances of these strange times together with the more hopeful scenarios on the horizon. Though we are living in the "post-pandemic" time and the "new variants" of the virus have come to stay, it is crucial to recover the memories of physical distancing and lock-down, which oscillate from "a long time ago" and "it seems like yesterday." In the scope of school and training, it is vital to reflect on the answers given in the context of the medical emergency, which further highlighted the different facets of economic, social, cultural, and digital inequalities in our country. The lack of structure and access to equipment and quality connection, Remote Education and Online Education without the due teacher training, and the lack of time needed to learn pointed out scenarios of great difficulties. For many teachers, videoconferences were and still are a substitute for classes, experienced with the same modality as in-person teaching, expository. For others, the possibility of digital culture were and are considered a possibility to invent, create alternatives, experience innovative methodologies, and build other learnings. The article intends to discuss some of these issues.

Keywords: pandemic; inequality; educational challenges; learning; digital citizenship.

1 INTRODUÇÃO: A PANDEMIA COMO UM DIVISOR DE ÁGUAS

Como testemunhas de um momento histórico que significou um divisor de águas em nossas vidas, este ensaio pretende refletir sobre algumas lições aprendidas neste processo, não apenas para retomar algumas experiências sobre o que vivemos, mas sobretudo para não esquecer quando tudo isso passar.¹

Diversos estudos, pesquisas e relatos de experiência continuam a refletir sobre o significado do que aconteceu e ainda está acontecendo em consequência da pandemia. No âmbito da escola e da formação, o valor das respostas à emergência do Ensino Remoto, da EaD e da Educação On Line sem a devida formação e o tempo de aprendizagem, desencadeou posturas diferenciadas entre docentes nos mais diversos níveis de ensino. Para muitos foi um substituto das aulas fruído com a mesma modalidade de ensino presencial, expositivo. Para outros, foi e ainda tem sido uma ocasião de inventar, de criar alternativas e de experimentar outras metodologias de *e-learning* que a cultura participativa propicia.

Ao refletir sobre as “lições” e os “aprendizados” desta crise mundial e sobre os modos de lidar com suas tantas marcas deixadas – desde o aumento da desigualdade social e econômica, mortes, sequelas as mais diversas até significativos avanços tecnológicos, experiências de superação, solidariedade - consideramos importante retomar o sentido de certas oportunidades prefigurando novos cenários e propostas de educativas. Algumas interrogações iniciais: o que de fato a pandemia ensinou às escolas? E o que aprendemos com toda essa situação? Onde estávamos antes da pandemia e onde estamos agora em termos de usos críticos dos artefatos da cultura digital? E a mídia-educação, que já era considerada uma condição de pertencimento e cidadania, como ficou diante desse novo mapa da exclusão digital, social e cultural?

Talvez apenas três anos desde o início da pandemia ainda seja cedo para esse tipo de balanço, aliado ao desgaste e cansaço que essa discussão gerou. Se o debate sobre este tema frequentemente se tornava uma conversa estéril e por vezes vazia

¹ O ponto de partida de tais reflexões foi a participação da Autora na live Desigualdade Digital em Tempos de Pandemia #Na RedeComLabgrim, no dia 17/06/2021.

diante das tristes constatações, talvez isso tenha acontecido porque não soubemos interpretar o que nos estava sendo solicitado, uma certa inteligência ou percepção do aqui-agora, do estar na crise segundo o preceito do momento presente que os diferentes contextos socioculturais estavam nos impondo. Precisávamos e ainda precisamos observar e interpretar as diferentes faces da realidade com todos os sentidos, numa escuta atenta e sensível, com olhos bem abertos, o coração e a mente apoiada por um desejo ou uma intenção de estar à altura de interpretar o cenário para então poder atuar.

É esse exercício que faremos neste ensaio, que apresenta experiências e estudos sobre o tema, relatos e narrativas quase impressionistas com nuances autobiográficas e depoimentos de professores e familiares que produzidos e registrados no contexto da pandemia. A escolha do estilo próprio do contexto informal da oralidade em que a referida *live* aconteceu busca assegurar na escrita a memória daquele evento. Ao manter o registro histórico daquele momento em diálogo com o momento atual, apontamos algumas necessárias atualizações e certos desdobramentos daquela reflexão. Assim, o ensaio está organizado em três partes, inicialmente situamos a experiência de distanciamento, a questão da desigualdade, os desafios do sistema educativo. Em seguida, discutiremos alguns aspectos didáticos das boas práticas e as dificuldades que emergiram neste percurso. E por fim, situamos as algumas aprendizagens construídas no âmbito da formação na perspectiva da cidadania digital. O fio que articula tais argumentos é tecido por perguntas sobre onde estávamos antes de março de 2020 e onde estamos agora, a partir do que a emergência sanitária produziu na escola.

2 A EXPERIÊNCIA DE DISTANCIAMENTO, A QUESTÃO DA DESIGUALDADE E OS DESAFIOS DO SISTEMA EDUCATIVO

Ao enfrentar uma crise sem precedentes combinando fatores sanitários globais, políticos, econômicos, educacionais, no contexto brasileiro ainda tivemos o desafio do enfrentamento desta situação agravada pela negligência, pelo negacionismo e pelo obscurantismo do governo ultradireita da época. Assim, além do desafio das fragilidades

das estruturas e da formação em nossas escolas e em outras instituições, convivemos com um conflito político indescritível em nosso país, que tem não apenas tentou impedir uma atuação efetiva do Estado na garantia dos direitos humanos mas atuou retrocedendo diversas políticas públicas de assistência, saúde, educação e segurança da população, sobretudo diante dos mais vulneráveis. Neste quadro, uma primeira constatação e desafio diz respeito à desigualdade econômica, social, cultural e digital em relação às experiências da pandemia.

Com a suspensão das atividades de ensino presencial nas escolas e universidades, que segundo dados do monitoramento da Unesco de abril de 2020 repercutiu na vida de mais de 90% dos estudantes em âmbito mundial, foi necessário pensar em alternativas para cerca de 48 milhões de estudantes da Educação Básica e mais de 13 milhões de estudantes no Ensino Superior para que fosse possível continuar com atividades formativas. O Relatório da UNICEF (2021) “Cenário da Exclusão Escolas no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação”, já indicava que cerca de 4,8 milhões de adolescentes corriam o risco de abandonar os estudos com as escolas fechadas e sem internet. Hoje os dados indicam não só as consequências de tal abandono como também das dificuldades de toda ordem, sobretudo no âmbito do retorno à escola, das interações sociais e das aprendizagens.

Se por um tempo ficamos sem escolas, com a indicação “se puder, fique em casa” sabemos que esta possibilidade foi restrita à classe média e alta, pois as condições de vida, trabalho e habitação de grande parte da população brasileira reflete a enorme desigualdade social. Nas classes populares, além de ter de cuidar da subsistência em trabalhos informais, muitas vezes se convive em apenas um único cômodo, sendo praticamente impossível permanecer muito tempo em tal espaço para viabilizar o Ensino Remoto.

Aliado a isso, o problema da ausência da merenda, do medo da doença, do risco e da falta de atendimento diante de um contexto de saúde pública que entrou em colapso. Enfim, tantas formas de sofrimentos e adoecimentos físicos e mentais ligados ao isolamento prolongado, à negligência do governo, aos conflitos familiares, à incerteza diante das notícias e pesquisas que a cada dia traziam uma informação e todas as fake

News e desinformações construídas que agravaram ainda mais esse processo repercutindo em outros âmbitos.

O que antes era vivido como um sentimento diante dos dados de realidade, hoje podem ser vistos nas constatações das pesquisas que mostram o quanto a pobreza aumentou durante a pandemia em nosso país, conforme revela o “Mapa da Nova Pobreza”², estudo realizado pelo FGV Social a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), o contingente de pessoas afetadas com a perda de renda per capita familiar representa cerca de 29,6% da população do país. Deste modo, entre 2019 e 2021 o país viu aumentar o número de pessoas que ingressaram na triste estatística dos brasileiros que vivem em situação de pobreza extrema, voltando a figurar no mapa da miséria.

Ao mapear as “linhas de pobreza” nacionais e internacionais, Marcelo Neri (2021), diretor do FGV Social, destaca que os maiores níveis de aumento da pobreza aconteceram durante a pandemia, “eles pintam o mapa da pobreza brasileiro em tons mais fortes de tinta fresca”, complementa ele. Ainda que as tonalidades desta pintura apresentem uma variação geográfica considerável com diversos extratos.³

Assim, a preocupação com a suspensão das aulas, a educação das crianças, as dificuldades enfrentadas pelas famílias, tiveram que ser equacionadas a outros modos e rotinas diante de tal realidade esboçada. E algumas alternativas foram se desenhando. Seja no âmbito formal do currículo escolar, seja no âmbito informal e não formal, a partir do uso da internet para filmes, vídeos, lives, e tantos outros tipos de leitura, jogos, brincadeiras e outras atividades no âmbito das artes, das práticas corporais, junto a outras práticas sensíveis de suporte emocional, terapias alternativas, meditação e outras estratégias de sobrevivência.

² Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/retrospectiva-2022-mapa-nova-pobreza-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r> (acesso em 7 abril 2023).

³ A Unidade da Federação com menor taxa de pobreza em 2021 foi Santa Catarina (10,16%). No extremo oposto está o Maranhão, com a maior proporção de pobres (57,90%). Na análise do FGV Social, o Brasil foi dividido em 146 estratos espaciais: aquele com maior pobreza em 2021 é o Litoral e Baixada Maranhense, com 72,59% de habitantes nesta situação. Já Florianópolis concentra a menor população pobre do país, com 5,7%. Trata-se de uma relação de 12,7 para um, refletindo a conhecida desigualdade geográfica brasileira. Ver <https://portal.fgv.br/noticias/retrospectiva-2022-mapa-nova-pobreza-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r> (acesso em 07 abril 2023).

Deste modo, presenciamos uma escola que antes praticamente “excluía” o uso dos artefatos tecnológicos se atualizar e “adaptar” a certos usos das tecnologias para continuar a cumprir seu papel, buscando uma parceria com as famílias para dar continuidade às atividades de modo remoto, online ou impresso. Nesse processo, diferentes propostas de ensino remoto foram assumindo significados absolutamente diferentes, conforme as realidades e classes sociais.

Uma primeira constatação foi a inexistência de infraestrutura física e de conectividade domiciliar para atividades de ensino formal acontecerem de forma satisfatória. Além disso, muitas vezes era necessário administrar o compartilhamento de equipamentos e espaços entre os familiares, era comum ter apenas um celular/smartphone ou laptop para toda a família usar. Além disso, sabemos que para desenvolver qualquer tipo de atividade remota, além do acesso e conexão de qualidade, é necessário ter um mínimo de concentração, como geralmente as atividades educacionais solicitam. E como nem sempre essa condição era possível, por vezes a falta do diálogo entre escola e familiares dificultou ainda mais a vida cotidiana de estudantes, professores e familiares, que em muitos casos tornou-se mais um problema a ser enfrentado.

Para as famílias mais empobrecidas, entre tantas dificuldades, somava-se a quase impossibilidade de acompanhar as atividades propostas diante das desigualdades sociais já mencionadas. Entre as famílias de classe média e alta, em que a convivência familiar cotidiana foi uma novidade, o desafio foi diferente: o que fazer com essas crianças cheias de energia ou com esses jovens estudantes cheios de ansiedade em casa dia e noite? Como mantê-los ativos ao mesmo tempo que pais e mães estão trabalhando de modo remoto e cuidar do trabalho doméstico, das compras e das refeições? Como controlar o tempo de tela diante de tantas impossibilidades? E como assegurar o devido acompanhamento dos filhos nas tarefas escolares, que nem sempre funcionava muito bem, conciliando tais demandas com a reorganização da rotina escolar em casa e com o “trabalho remoto” dos familiares? Questões que não tinham respostas fáceis.

Neste sentido, além das dificuldades relacionadas às condições de trabalho e de formação, depoimentos deixava claro que nem sempre os familiares tiveram condições de acompanhar as tarefas as crianças, sobretudo em fase de alfabetização/letramento, sem mencionar a dificuldade de acompanhar as crianças com algumas síndromes e/ou deficiências sem o apoio especializado. E esse quadro deixou muitos familiares, professores e responsáveis pela educação de crianças em estado de grande stress.

Por outro lado, diante desse quadro desolador, há depoimentos de muitos familiares, professores e estudantes de diferentes níveis de ensino, que, com o devido apoio de equipamentos e conexão de qualidade, conseguiram se adaptar satisfatoriamente à rotina emergencial, sobretudo os maiores e desenvolveram experiências inovadoras, colaborativas e exitosas.

2.1 Aspecto didático, boas práticas e dificuldades

É quase consenso que hoje estamos vivendo a chamada “4ª. Revolução”, como diz Floridi (2017) em seu *Manifesto Onlife*, uma expressão que define cada vez mais as nossas atividades cotidianas diante da inseparabilidade de nossa vida *on* e *of line*. Nessa sociedade da informação, há mais de vinte anos Thompson (1998) já destacava o papel estrutural das mídias como mediação da realidade, das relações e da história.

E durante todo esse tempo, diversos estudiosos (SILVERSTONE, 2002, BUCKINGHAM, 2010, AROLDI, 2017) tem argumentado a respeito da importância educar às mídias, sobretudo porque nossa sociedade é “feita de mídia”, as mídias “constroem” nossas ideias das coisas e do mundo, contribuem para definir nosso “modo de se relacionar” com os outros e também porque as mídias são sempre mais nossa memória a respeito do passado.

Ao argumentar sobre a importância da mídia-educação na formação de crianças, jovens e professores, sobretudo diante dos descompassos da escola e as demandas da sociedade, nos inquietava como a escola e a mídia estavam contribuindo para entender e interpretar esse mundo, as relações que construímos e as interações que estabelecemos nos mais diferentes espaços.

O entendimento da escola como ecossistema comunicativo, pedagógico e cultural, espaço de socialização e produção de conhecimento, de encontro, de interação (FANTIN, 2018) foi tensionando outras possibilidades, visto que a escola foi deixando de ser o único espaço de saber, sobretudo diante do papel que as mídias e as tecnologias ocupam em nossa sociedade. Diante da importância de entender que as mídias e tecnologias são mais que recursos ou ferramentas que podemos ou não utilizar na didática e em nossas aulas, reafirmávamos que elas são cultura, pois tecem nossas relações. São sujeitos sociais, actantes, como sugere Latour (2012).

Mas se antes nos perguntávamos como a escola e a mídia estavam ajudando crianças e jovens a dar sentido a tudo aquilo que viviam e aprendiam, com a pandemia começamos a interrogar como a escola estava vivendo aquela crise e equipando os sujeitos a viver naquele tempo presente, entendido também como futuro que se constrói apesar de um cenário tão desolador. Precisávamos ir além dos prognósticos e dos determinismos, pois trabalhamos com formação humana, com esperança, como dizia Paulo Freire.

Era comum ouvir que “a escola na pandemia se tornou digital”. E do ponto de vista da relação entre a escola e o digital, é comum identificar o digital com o dispositivo, com equipamentos, arquitetura e infraestrutura de rede, confundindo o digital com a informática ou o digital com o técnico, no sentido material do termo, quase como se digital quisesse dizer uma escola completamente conectada, equipada com todos os dispositivos, lembra Rivoltella (2021). Mas o que aconteceu de fato com nossa prática e escola digital nesses tempos de pandemia?

Afinal, todos fizemos algum tipo de experiência para usar o digital buscando respostas e soluções diante da situação emergencial. Não por acaso, um dos fenômenos culturais, talvez “o” fenômeno cultural dos tempos de pandemia tenha sido o webinarismo e as lives. A proliferação de lives, seminários on line gratuitos disponíveis a qualquer um, competente ou menos competente, cursos com explicação, indicação de trabalho em diferentes níveis, e muitas outras opções que vivemos num processo de “solidariedade digital”, como denominou Rivoltella (2021).

Ao lado de um cenário de tantas adversidades, acompanhamos o trabalho de docentes em diferentes níveis de ensino que se desafiaram a aprender outros modos de exercer a docência. Nesse processo, também foi possível conhecer uma diversidade de experiências, de propostas e de produções de materiais e conteúdos em distintos suportes: textos diversos, áudios, vídeos, *podcast*, animações, programas computacionais, jogos educativos, e muitos outros articulando educação, cultura, ciência e tecnologia. Acompanhamos diferentes processos de formação que em alguns casos revelou-se uma verdadeira prática de produção cultural colaborativa nas escolas, que há muitos anos temos defendido e que talvez naquele momento pudesse sugerir e ou consolidar de outro modo de ver a escola e a formação profissional.

Como exemplo, podemos situar três iniciativas desenvolvidas por integrantes de um grupo de pesquisa que atua na área da educação, infância e comunicação (FANTIN; GIRARDELLO, 2020) que envolveu o âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão.

A pesquisa desenvolvida antes e durante a pandemia incorporou a reflexão sobre as mudanças do cenário da educação de crianças diante da pandemia de Covid-19, que exigiu novas práticas educativas por meio da educação remota. A pesquisa de mestrado discutia a importância das produções culturais entre as crianças da educação infantil na perspectiva do hibridismo cultural, das múltiplas linguagens, da ampliação de repertórios culturais e da mediação educativa. Durante o percurso, destacou-se a importância da apropriação e uso das tecnologias digitais por professores da infância em uma perspectiva mídia-educativa, e de mediações que possibilitassem uma participação ativa, criativa e crítica das crianças e seus familiares em uma constante ampliação de repertórios culturais no processo educativo, em que as atividades remotas e on line puderam assegurar vivências lúdicas das crianças para além das telas (SANTOS, 2021).

A construção e publicação de um livro-cartas desenvolvido no contexto de uma disciplina com estudantes da graduação em Pedagogia de uma universidade federal, por ocasião do retorno remoto das aulas (FANTIN; SANTOS, 2020). A atividade solicitava que os estudantes escrevessem uma carta endereçada às crianças futuro, narrando como foram as vivências e experiências durante os 5 meses de isolamento físico, a quarentena

entre março e setembro de 2020. A proposta era aberta e poderia ser um relato ou ficção com objetivo de compartilhar tais experiências no grupo diante da retomada das aulas, pois considerávamos importante saber como cada um/a estava. A potência da proposta e das reflexões se revelaram num belo registro daquele tempo, e de uma atividade despreziosa, organizamos um livro para concretizar a memória daquele momento. Entre tantos desdobramentos de tal proposta, recebemos diversos pedidos para autorizar a publicação de algumas cartas escritas pelas estudantes em livros didáticos, que seriam distribuídos às crianças de escolas públicas de todo o país, alcançando assim, o público imaginado.

Por sua vez, o projeto “Curtas em Diálogo” foi desenvolvido de forma remota através de um canal no YouTube, a partir de uma parceria entre o referido Grupo de Pesquisa e a Rede de Ensino Municipal, voltado a educadores/as de diferentes níveis de ensino. Além de configurar uma aproximação entre universidade e escola, o objetivo do projeto envolvia uma curadoria de curtas-metragens sobre crianças e infâncias em distintos contextos e leituras fílmicas das obras exibidas durante as sessões, a partir de observações pedagógicas e estéticas sobre o enredo e a produção em si, além de dialogar com o público pela mediação do chat ao vivo. Os filmes atuaram como um ponto interrelacional entre os saberes acadêmicos e aqueles referentes às práticas cotidianas e profissionais dos participantes, instigando o público a (re)pensar processos educativos, ampliando o olhar acerca das temáticas apresentadas, da literacia midiática e dos repertórios culturais na perspectiva da mídia-educação. Vale destacar que este projeto surgiu na emergência da pandemia, em 2020, e tornou-se um projeto de extensão que até hoje tem sido realizado com grande participação docente. (SANTOS; SANTOS, 2022).

Assim, além dessas propostas desenvolvidas no âmbito da cultura digital na perspectiva da mídia-educação, outras atividades revelaram boas práticas que uniram e compartilharam interesses da escola, das crianças e de familiares. Desde a presença e o acompanhamento dos professores com sugestões de atividades aos familiares, as tentativas de manter contato com encontros síncronos entre os que tinham essa possibilidade, até outras propostas para minimizar os distanciamentos com atividades impressas para os que não tinham acesso aos artefatos da cultura digital. Era comum

ouvir depoimentos sobre professores fazendo chamadas pelo celular, enviando mensagens, visitando as casas das crianças e usando os meios mais diversos e disponíveis naquele momento. O lema parecia ser “nenhuma criança a menos” e naquele momento parecia que toda iniciativa era bem-vinda. E foi, mas não sem tensão.

Mas diante de toda essa demanda, como lidar com o excesso de trabalho e o excesso de tela? Como assegurar a presença, a aprendizagem, a motivação e o interesse? Como “controlar” a presença, evitar o abandono, a evasão e a exclusão? Como avaliar? Como lidar com a dificuldade de um atendimento “universal” a todos os alunos, considerando as condições concretas tão diferenciadas de professores e familiares?

Em uma situação tão atípica como a de uma pandemia, num contexto de emergência é fundamental priorizar a dimensão do cuidado de si e do outro. Mas como minimizar as necessidades e demandas afetivas e emocionais de alunos em isolamento, visto que o professor que era referência no contexto presencial continua presente apenas na interação online ou mesmo a distância? Como minimizar o gap entre os que acompanham e os que não acompanham as atividades? Como pensar um apoio pedagógico e psicológico num contexto atípico, sem que sequer a educação online consiga chegar a estas crianças sem acesso à internet banda larga ou aos dispositivos tecnológicos? E como mensurar suas consequências?

Enfim, não foram poucas as dificuldades enfrentadas e certamente muitas destas dificuldades já existiam antes da pandemia, mas se agudizaram neste contexto. Assim, precisamos continuar a pensar sobre “o que fazer”, pois o imobilismo impede de agir frente aos tantos desafios apresentados. Por isso precisamos continuar a pensar no futuro próximo, nas necessárias e significativas modificações nas formas de se relacionar e interagir, nas possibilidades de atividades públicas, mas sobretudo na vida, no cuidado de si e do outro, na concepção de educação e de currículo que vai muito além da transmissão.

A esse respeito, vale destacar que diante de certos usos das redes sociais e certas plataformas de compartilhamento de audiovisuais que se massificaram nas redes públicas, o contraponto era necessário para problematizar a questão dos dados fornecidos às grandes empresas e plataformas digitais, pois as grandes corporações e

empresas de comunicação e de tecnologia (Google, Microsoft, Apple, Meta, Amazon) estão cada vez mais presentes nos sistemas de educação, privado e público. Uma discussão que merece um aprofundamento pelo grau de complexidade que envolve, como ressaltam Pretto, Bonilla e Sena (2020) destacando a importância da RNP. A RNP é uma rede brasileira para educação e pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), mantida pelo conjunto dos ministérios da Educação (MEC), das Comunicações (MCom), Turismo, Saúde (MS) e Defesa (MD), que se configurou como importante plataforma de comunicação e colaboração digital atuando para promover e implementar a inovação no âmbito das tecnologias da informação.⁴

Em uma realidade representada pelo protagonismo dos dados, pelo papel dos algoritmos, pela quantificação como figura da ação econômica, política, social, a escola teria que dizer e fazer, pois além de desenvolver o pensamento crítico, seria fundamental fornecer aos estudantes/cidadãos de hoje e de amanhã as ferramentas necessárias para escapar das estratégias do "capitalismo de vigilância" (ZUBOFF, 2019, SRNIECK, 2019, SILVEIRA, 2020, EUGENI, 2021) problematizando a questão da liberdade e do controle diante dos acessos "gratuitos" e da monetização. Assim, refletir sobre o controle de dados, a questão da segurança e da liberdade são questões que hoje interpelam a todos. E por mais naturalizadas que estejam, também precisam de estranhamentos, como sugere Vattimo (1989) ao abordar a sociedade transparente, e a psicopolítica de Byung Chul-Han (2015).

Aliado a isso, uma sociedade em que a "mídia está na nossa vida" solicita aos que a habitam comportamentos e estruturas de pensamento adequados para garantir que sejam capazes de minimizar os impactos negativos e potencializar todas as oportunidades que oferece, diz Rivoltella (2021). E isso abre a oportunidade para focalizarmos na questão da cidadania digital, que não deve ser pensada como um problema de literacia funcional ou de "conhecimentos básicos de informática", mas precisamente como uma questão ética, no sentido etimológico do termo, que se refere ao ethos, à esfera do valor e do comportamento, da inteligência da ação, da sabedoria prática, ressalta o autor.

⁴ Ver <https://www.rnp.br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

3 ALGUMAS APRENDIZAGENS PARA A FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DA CIDADANIA DIGITAL

Ao perguntar onde estávamos antes da pandemia tendo como desafio pensar a escola antes, durante e depois, diversos estudos (BUCKINGHAM, 2020, RIVOLTELLA, 2021, FANTIN, 2022) constataram que as escolas que já desenvolviam um trabalho na perspectiva da Mídia-Educação e que as tecnologias já estavam presentes em seu cotidiano “largaram na frente”. Tanto para se adaptar ao novo contexto emergencial, como para enfrentar os desafios no posterior retorno ao presencial, em que os modelos híbridos de ensino se tornaram uma considerável alternativa. Assim, reafirmar a importância da Educação Midiática e suas dimensões críticas, éticas e estéticas implica também considerar os espaços de significação, relações, produções e análises como experiência de participação nos espaços híbridos da cultura.

Na relação entre Educação Midiática e cidadania, é importante destacar a importância da articulação entre os níveis de acesso, político (democrático), usos de aplicações e serviços aliados à formação para cidadania global. Tal articulação envolve também dispositivos de sensibilização aos valores da democracia, à cidadania ativa com a redução dos gaps e a preparação para participação na sociedade.

Vimos que em relação à dimensão de acesso, a distribuição de internet banda larga e equipamentos aos estudantes e professores da educação pública foi/é uma condição primeira para assegurar o maior número possível de professores e alunos condições de acesso à internet com qualidade. Aliás, essa política foi desenhada em alguns contextos de modo a garantir o acesso de professores e alunos à rede com qualidade, tanto pela disponibilidade de materiais ou suportes, como pelo fortalecimento de políticas públicas de acesso e democratização da educação e das tecnologias. Sempre tendo em vista a questão da formação docente e de crianças e jovens. Tema constante em nossas pesquisas no âmbito da mídia-educação que na pandemia, mesmo encarado de modo emergencial se revelou fundamental para um agir educativo desde a infância.

A esse respeito, é importante retomar a Convenção dos Direitos Humanos e Convenção dos Direitos das Crianças (CDC) e os *Direitos onlife*, que tratam do tempo livre, do direito à opinião, do acesso à informação, da privacidade e do brincar, entre outros, sempre na perspectiva dos direitos de Proteção, Provisão, e Participação. Sobretudo se considerarmos que as crianças são um terço dos usuários de internet em todo o mundo (UNICEF, 2017), é extremamente necessário que as tecnologias digitais sejam seguras para o público infantil, como foi possível observa na pandemia.

Sabemos que as Políticas de Proteção em geral são lentas, não acompanham as mudanças e por vezes são ineficazes em relação à “governança” nos ambientes digitais, que mudam muito rápido e a definição de políticas não é tão rápida assim. Diante dessa urgência, o Comitê dos Direitos da Criança da ONU lançou em março de 2021, o novo *Comentário Geral n.25 sobre direitos da criança em relação ao ambiente digital*. O documento detalha como a Convenção sobre os Direitos da Criança, tratado de direitos humanos mais ratificado em todo o mundo (com mais de 190 Estados signatários), se aplica igualmente ao mundo digital.⁵

Os Direitos das crianças no ambiente digital (Adendo em 4 fevereiro 2021 pelo Comitê dos Direitos das Crianças da ONU, publicado em 2/3/2021) é dirigido a todos os povos do mundo: envolve Estado, Empresas, Organizações governamentais e não governamentais. O documento traz diretrizes para os Estados sobre o cumprimento de suas obrigações em promover e proteger os direitos e o melhor interesse da criança também no ambiente digital. E aborda medidas para garantir que outros atores, incluindo empresas, igualmente cumpram sua responsabilidade em garantir essa proteção. Inclusive o direito à desconexão para vivenciar equilíbrios em momentos longe de tela.

Entre outras recomendações, o novo Comentário Geral reforça o dever dos Estados em tomar as medidas adequadas para *prevenir, monitorar, investigar e punir*

⁵ O processo de elaboração deste novo Comentário Geral teve início em 2014 e contou com a participação de especialistas e organizações internacionais. O texto esteve aberto à consulta pública duas vezes, com as quais o Instituto Alana contribuiu, por meio do Criança e Consumo, a fim de destacar, entre outros temas, a **proteção contra a exploração comercial infantil** no ambiente digital. <https://criancaconsumo.org.br/wp-content/uploads/2021/04/comentario-geral-n-25-2021.pdf>.

qualquer desrespeito aos direitos da criança por parte das empresas. Inclui-se a proteção infantil frente à exploração comercial, inclusive com relação à publicidade infantil e o marketing baseado em dados.

Ao envolver outros atores, o Comentário reconhece a obrigação também de empresas de atuar para proteger crianças no ambiente digital. No cenário brasileiro, por exemplo, esse reconhecimento reforça o artigo 227 da Constituição brasileira, que determina a responsabilidade compartilhada entre famílias, Estado e toda a sociedade – incluindo o setor corporativo – em assegurar os direitos das crianças, com absoluta prioridade: “As empresas devem respeitar os direitos das crianças e prevenir e remediar o abuso de seus direitos em relação ao ambiente digital.” (in Comentário Geral N.25).

E diante do excesso de telas, com o retorno ao presencial o desafio foi pensar na possibilidade de que a volta à escola pudesse ser a consolidação de certas práticas midiáticas e de metodologias colaborativas com usos mediados das tecnologias também no presencial. Sendo a escola espaço de encontro e de abraços, mesmo com o necessário distanciamento e com as máscaras, era importante perguntar, afinal, para qual escola estávamos retornando em 2021?

Sabemos que a escola pública é espaço de conhecimento sistematizado e espaço de encontro, de convivência, de diversidade, de formação e de tantas aprendizagens sobre si, sobre o outro, sobre o mundo e sobre tantas outras experiências, como destacam Fantin e Santos (2021). Espaço de aprendizagem colaborativa, de solidariedade, de cidadania. Mas nesse contexto de emergência e crise, como assegurar ou criar dispositivos de aprendizagem que assegurem a qualidade pedagógica a todos?

Muitos estudos realizados em diferentes contextos socioculturais têm sinalizado algumas mudanças de perspectivas durante este processo. A título de exemplo, compartilhamos algumas considerações sobre o Manifesto da Didática à Distância, elaborado por professores e pesquisadores da SIREM, *Società Italiana di Ricerca sull’Educazione Mediale* para contribuir com o debate, ainda bem no início da pandemia⁶. O manifesto sugeria repensar pelo menos 7 aspectos: 1) o sistema físico digital (modalidade online e presença, território e ecossistema);2) o ensino e as novas competências para o formador, novos métodos didáticos que favoreçam recursos entre

⁶ Ver <https://sirem.org/manifestodidatticadistanza>. Acesso em: 10 abr. 2023.

teoria-prática; 3) a aprendizagem: percursos a partir das próprias necessidades; 4) a avaliação (mais focalizada nos processos que nos resultados); 5) o papel docente; 6) a infraestrutura (qualidade da rede, dispositivos remotos e ambientes de aprendizagem); 7) antecipar o futuro (atividades prever suportes para modalidades de realidade aumentada e virtual, simulação e inteligência artificial).

Ainda que tenha sido elaborado no auge da Pandemia, em junho de 2020, ele nos ajuda a pensar no que avançamos de lá para cá. E trazer estas e tantas outras questões para o debate é fundamental, sobretudo para focalizar algumas aprendizagens construídas neste percurso.

1. As potencialidades das tecnologias digitais de informação e comunicação – da internet, rádio e televisão, assegurando informações confiáveis com linguagens acessíveis e capazes de orientar ações seguras para prevenção do contágio e manutenção da saúde, permitiram avançar na discussão de como as tecnologias digitais podem ser integradas às escolas. Ao fortalecer o ambiente formativo e a atuação docente nas perspectivas de uma mediação crítica e diferenciada no processo de ensino-aprendizagem foi possível assegurar interações com a comunidade e com o entorno.

2. As possibilidades do Ensino Remoto, da EaD, da Educação on line, Educação híbrida fortaleceram certas articulações entre os diferentes níveis de ensino, Educação Básica e do Ensino Superior, bem como atuaram na disponibilidade de materiais, pesquisas, repositórios e banco de dados de boas práticas. Também contribuíram com o avanço na discussão dos usos das plataformas privadas e da proteção dos dados, da segurança, vigilância e controle que cada dia estão mais presentes na sociedade e nos sistemas educativos. E sobretudo nos cenários que se desenham com a IA generativa na perspectiva da educação.

3. Ao repensar o futuro da vida em sociedade em todos os seus aspectos, no futuro da educação, da escola e da formação, fomos convidados a ir além das leituras e reflexões para nos envolvermos num amplo debate sobre o que esta situação nos interpelou. Fomos testemunhas de um momento histórico e, portanto, convocados a repensar

nossa vida, a educação e a escola antes, durante e depois no âmbito organizativo, didático e profissional.

4. A importância de um planejamento centrado na atividade do estudante, suas reais necessidades, ficou cada vez mais evidente, pelo menos onde a escola foi mais sensível e considerou as condições de conexão, equipamentos tecnológicos, e as possibilidades de acompanhar aquilo que havia sido pensado e planejado para os estudantes. Afinal, as crianças viram praticamente desaparecer, quase de um dia para o outro, todos seus colegas e também sua professora/seus professores. Nessa situação, a necessidade de apoiar ou preencher o vazio da ausência para minimizar a angústia da separação, do luto e da experiência de perda que todos vivemos em alguma medida. Atuar nesta direção revelou a importância de uma escuta atenta para ouvir o que estudantes tem a nos dizer.

5. Estamos aprendendo que a transmissão não é tudo, que há outras necessidades dos estudantes que precisam ser consideradas. A constatação de que Educação não é apenas transmissão de conhecimento leva a refletir sobre a comunicação de caráter transmissivo-expositivo, que precisa ir além e se construir em relação dialógica.

6. Fizemos experiências no sentido de criar novos espaços, de se permitir certos riscos, de pesquisa e busca de soluções sustentáveis através da bricolagem didática, da resolução de problemas, de tentativas, erros e acertos. Por aproximações, buscamos soluções sem grandes molduras de reflexão porque não tivemos muito tempo entre a espera de decisões da primeira onda do vírus. E agora, ainda estamos avaliando se foi suficiente o que foi feito diante de tais possibilidades e do retorno à normalidade e à aula presencial.

7. Em relação ao digital, se daqui pra frente considerarmos que ele deve ser ambiente cognitivo natural para nossa profissionalidade, que não é um instrumento, não é apenas uma ferramenta e nem um acessório que se pode ou não utilizar, pois o digital tem tudo a ver com nosso planejamento e com nossa metodologia, deve ser compreendido como

um ambiente natural dentro do qual desenvolvemos nossas reflexões, pensamentos e planejamos soluções para os estudantes.

8. Entre tantas “lições aprendidas”, algumas ou muitas delas não deveríamos esquecer quando esse quadro mudar:

- As oportunidades para repensar a relação tempo-espço. Espaço que dizia respeito à estrutura física, arquitetura, ambientes da escola e tempo que era frequência-ausência, horário escolar e que foi ampliado para outras perspectivas;

- O sentido de “desterritorialização”, que já havia sido abordado por Joshua Meyrowitz (...) ainda nos anos 1990, quando discutia o sentido de lugar e o impacto das mídias eletrônicas sobre os comportamentos sociais. Se naquele momento ele já evidenciava o “desligamento” ou a ruptura da escola do espaço, na pandemia vimos que a escola se recolocou em outro ambiente, não mais físico, mas virtual, online em plataformas de videocomunicação ou videoconferências (RNP, Meet, Zoom, Moodle, Skipe e outras) que aprendemos a usar e conhecer. E essa desterritorialização e “copresença” mediada foi atravessando as fronteiras geográficas e culturais num mundo de “fragmentação compartilhada”, como diz o Meyrowitz (2022), que sem a devida mediação pode gerar novas formas de “alienação” acompanhadas de novas formas de conexão.

9. Fomos chamados a imaginar um futuro. Um convite para discutir o que se apresentava naquele momento para imaginar o depois. Agora, parece que ainda queremos continuar a reconstruir uma escola que tenha aprendido algo precioso destas lições e que precisa ter visibilidade, para além do registro da memória.

Aprendizagens e lições que nos levam a repensar e redimensionar o espaço-tempo, que pode retornar mais adiante e ir além do sentido da emergência. Repensar nossa relação com os espaços físicos, os confinamentos que já estávamos submetidos ainda antes da pandemia (FANTIN, 2022) e a necessidade de ocupar outros espaços da escola, do entorno, da cidade, das praças, dos parques, etc. Afinal, mudamos tanto

durante a pandemia, e a escola ainda parece tão igual... o que continua a nos mobilizar no sentido de pensar uma nova ou uma outra cultura de escola, com uma comunicação mais relacional e mais focalizada, mais inteligente, mais sensível, mais significativa, mais cidadã (FANTIN, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a questão da desigualdade, os desafios educativos da cidadania digital e as aprendizagens construídas nos tempos da pandemia, procuramos ressaltar a perspectiva da Mídia-Educação e sua importância na formação, no currículo e nos espaços dentro e fora da escola.

Abordamos alguns desafios vividos durante o distanciamento físico, as dificuldades em lidar com a desigualdade e todos os tipos de exclusão mas também mencionamos algumas boas práticas desenvolvidas neste contexto emergencial, sempre buscando tensionar os riscos e as oportunidades. Afinal, num contexto do capitalismo das plataformas, do controle e da vigilância, se não interrogarmos a questão da datificação da infância e as práticas midiáticas de crianças junto aos modos de educar, de ensinar-aprender na cultura digital, considerando as especificidades da educação e o papel da família pouco estaremos contribuindo para qualificar as mediações educativas em uma perspectiva transformadora.

Nesta direção, a mídia-educação nos ajuda a entender que educar hoje, envolve necessariamente educar às mídias, para além do controle. No entanto, pensar o que significa a mídia-educação na especificidade da infância ainda é um desafio que precisa ser assumido a respeito das possibilidades de ir além das práticas tradicionais que caracterizam a educação nessa fase da infância e a necessária parceria com as famílias.

Em nossa reflexão, destacamos a necessidade de construir uma educação midiática e suas aprendizagens em várias direções e nas dimensões crítica, ética e estética. Na dimensão crítica, enfatizamos a importância de fazer uso das propostas de reflexão, análise e também de no que diz respeito ao acesso e compreensão das formas culturais. Na dimensão ética, destacamos tanto a questão da resistência como da responsabilidade, um pensamento voltado à conscientização e às possíveis implicações

de certas ações de produção/consumo midiático entre as crianças nas diversas fases de seu desenvolvimento. E na dimensão estética, buscamos criar condições para estimular a criatividade e o compromisso ético com as formas de sentir e perceber a beleza, não apenas como mero prazer, bem estar ou gosto, mas como construção de vínculos, compromissos e responsabilidades com os direitos das crianças.

Essas dimensões entrelaçam a cultura e a circularidade do processo de acesso, produção e consumo para além do digital, sem esquecer da importância de reafirmar a dimensão da corporeidade, do lúdico e do estar junto à natureza, discutindo o sentido de confinamento que por vezes as crianças, e não só, estavam submetidas ainda antes da pandemia. Assim, ao desafio de pensar propostas pedagógicas para a educação de crianças em espaços e cenários dentro e fora da instituição, com/sem tecnologias, junto à natureza e aos espaços públicos da cidade agregamos o desafio de a mídia-educação atuar desde a infância e em parceria com as famílias.

Nessa perspectiva, a reflexão sobre a desigualdade e cidadania em tempos de pandemia foi além da digitalização e nos fez refletir sobre a importância de trazer outras formas de educação e pertencimento nos mais diferentes espaços da cultura, sem esquecer o lugar da corporeidade das crianças em uma sociedade atravessada pelo digital no contexto mais amplo da sociomaterialidade.

E entre tantas perguntas que atravessaram este texto, finalizamos com uma interrogação adaptando as palavras de Philippe Meirieu: “Que mundo vamos deixar aos nossos filhos [crianças] e que filhos [crianças/adultos] estamos deixando para o mundo?”

REFERÊNCIAS

AROLDI, Paolo. L'adozione dele ICT nel contesto familiare. In Donati, P.(a cura di). **Le relazioni familiar nell'era dele reti digitali**. Milano:San Paolo, p.55-81, 2017.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010.

BUCKINGHAM, David. **Un manifesto per la media education**. Firenze: Mondadori, 2020.

EUGENI, Ruggero. **Capitale algorítmico**. Cinque dispositivi posmediale (piu uno). Scholé, 2021.

FANTIN, Monica. Conhecimento estético, tecnologias da sensibilidade e experiências formativas de crianças, jovens e professores. **Tempo e Espaço em Educação**, v.11, p39-54, 2018.

FANTIN, Monica. Educação, cultura e tecnologias: desafios e mediações nos diferentes espaços formativos em tempos de incerteza. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA & SOCIEDADE, 1., 2021, Belo Horizonte. **Anais [...]**. 2021.

FANTIN, Monica. **Entre confinamentos e estética do caminhar**: a pedagogia situada e os espaços híbridos de aprendizagem. Relatório de Pesquisa. Florianópolis: UFSC, 2022.

FANTIN, Monica. Arte e Tecnologia como saberes estruturantes da Formação Humana, da Docência e da Didática. In: LONGAREZI, A.M.; MELO, G.F.; XIMENES, P.A.F. **Didáticas, Práticas Pedagógicas e Tecnologias da Educação**. Jundiaí: Paco, 2023.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (org.). **Trajetórias inventivas de pesquisa em educação contemporânea**: infância, comunicação, cultura e arte. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

FANTIN, Monica; SANTOS, José D. A. **Cartas às crianças do futuro**: narrativas sobre a pandemia de Covid-19. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

FANTIN, Monica; SANTOS, José Douglas Alves. Das linguagens midiáticas à hipótese rock-education: por outros arranjos educativos. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 9, n. 20, p. 120–145, 2021. DOI: 10.22484/2318-5694.2021v9n20p120-145. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4588> Acesso em: 10 abr. 2023.

FLORIDI, Luciano. **La quarta rivoluzione**: come l'infosfera sta trasformando il mondo. Raffaello Cortina, 2017.

HAN, Byun-Chul. **Psicopolítica**. Relógio d'Água, 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

MEYROVITZ, Joshua. Estamos no Zoom, logo existimos. Entrevista com o Professor Joshua Meyrowitz. **ALCEU**, v. 22, n. 46, p. 118-126, jan./abr. 2022. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/download/290/282/1103>. Acesso em: 5 abr. 2023.

NERI, Marcelo. **Retrospectiva 2022**: O mapa da nova pobreza. 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/retrospectiva-2022-mapa-nova-pobreza-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PRETTO, N.; BONILLA, M.H.; SENA, I.P.F.S. (org.). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. Salvador: Edição do autor, 2020.

ONU. **Our Rights in a Digital World 2021**. <https://bityli.com/Uhkyis> (acesso em 05 abr.2023)

RIVOLTELLA, Pier Cesare. La scuola e il digitale prima, durante e dopo l'emergenza. In **Essere Scuola**, Brescia:Morcelliana, 2021.

SANTOS, José Douglas Alves;. SANTOS, Lizzyane Francisca Silva. Diálogos formativos através de filmes: uma aproximação entre universidade e educação básica. **I CICOM**, Sorocaba, 2022.

SANTOS, Lizzyane. As trilhas percorridas por docentes da educação infantil na pandemia: entre meios, produções e mediações. **40ª. Reunião da ANPED**, GT 16, Belém, 2021.

SILVEIRA, S. A. (2020). Desinformação acima de tudo, espetáculo acima de todos. **Organicom**. Ano 17, n.34, set/dez.2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.181383> Acesso em 28 nov 2022.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Editora Loyola, 2002.

SRNIECK,N.(2019). Imaginar plataformas alternativas. Digilabour. 2019. <https://digilabour.com.br/2019/10/11/srnieck-capitalismo-de-plataforma-mudancas/> Acesso em 25 nov 2022.

THOMPSON, John. **Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

VATTIMO, Gianni. **La società trasparente**. Milano: Garzanti, 1989.

ZUBOFF, Shoshana. **Il capitalismo della sorveglianza**. Luiss University Press, 2019.

UNESCO. **Informe de seguimiento de la educación en el mundo, 2020, América Latina y el Caribe: inclusión y educación: todos y todas sin excepción**. 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374615> Acesso em 10 abr.2023.

UNICEF. **Cenário da Exclusão escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid19 na Educação**. Abril 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> Acesso em 07 abr.2023.

SOBRE A AUTORA

Monica Fantin

Professora Titular do Departamento de Metodologia do Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo Infância Comunicação Cultura e Arte, NICA, UFSC/CNPq. Possui diversas publicações no campo de estudos da infância, cultura lúdica, cinema, mídia-educação e formação de professores na cultura digital.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3222968189158756>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7627-2115>

E-mail: fantin.monica@gmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

FANTIN, Monica. Desigualdade em tempos de pandemia: aprendizagens e desafios educativos da cidadania digital. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 14, n. esp., p. 8-30, dez. 2023. DOI: 10.36517/psg.v14iespecial.91256.

RECEBIDO EM: 17/06/2023

ACEITO EM: 13/07/2023

PUBLICADO EM: 28/12/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional